

■ CRÍTICA // ■

O HOMEM QUE NÃO DORMIA ★★

Um sonho diluído em filme

É natural que, sete anos após a consagração de *Eu me lembro*, o público de Brasília tenha procurado em *O homem que não dormia* um Edgard Navarro felliniano, com os olhos ainda mareados de saudade. Não que esse cineasta tenha se ausentado por inteiro — todos os filmes do cineasta expõem, de alguma forma, o temperamento libertário e alegre do artista baiano. Mas, aos 62 anos, no segundo longa da carreira, o diretor tenta um autorretrato mais arriscado: distancia-se da "memória consciente" para submergir num lamaçal de sonhos, mitos populares e abstrações. A aventura, desta vez, é um filme-delírio sem superego, que incorpora não tanto a nostalgia de um *Amarcord* (1973), mas acena para o Pasolini de fábulas transgressoras como *Os contos de Canterbury*, de 1972.

Na seleção do 44º Festival de Brasília — que, até a noite de sexta-feira, havia exibido longas que não sugeriam a menor intenção de atentar contra os pudores da plateia —, à exibição de um filme tão desobediente, tão desgarrado de regras de etiqueta e de referências contemporâneas soa como um ruído na frequência da mostra. Mas, após o impacto inevitável dos primeiros 20 ou 30 minutos, esse objeto pontiagudo, (orgulhosamente) imperfeito, denuncia as dificuldades que Navarro enfrentou para converter numa narrativa potente as angústias "jungianas" que o perseguem há 33 anos. Na tela, o que fervilha é esboço ardido, um conjunto de esquetes surreais e chulos, que raramente se conectam de forma a convidar o espectador para o jogo.

A comparação com *Eu me lembro*, portanto, torna-se um fardo para Navarro. Porque aquele filme adensava características que, em *O homem que não dormia*, aparecem em farelos, fragilizadas. Seria uma injustiça, no entanto, ignorar a vibração dessas ideias, principalmente a naturalidade como sintonizam a imaginação popular. Sem embarraco — e hilariante, quase sempre —, o diretor ignora o filtro de ficção que geralmente amarraria os personagens. Eles falam palavrões, vomitam aforismos preconceituosos, se desnudam e até se masturbam diante das câmeras. Nos sonhos de Navarro, um dos realizadores mais joviais em atividade, não existe censura. Para que, em *O homem que não dormia*, não deixem muitas lembranças tão logo acordarmos. (TF)